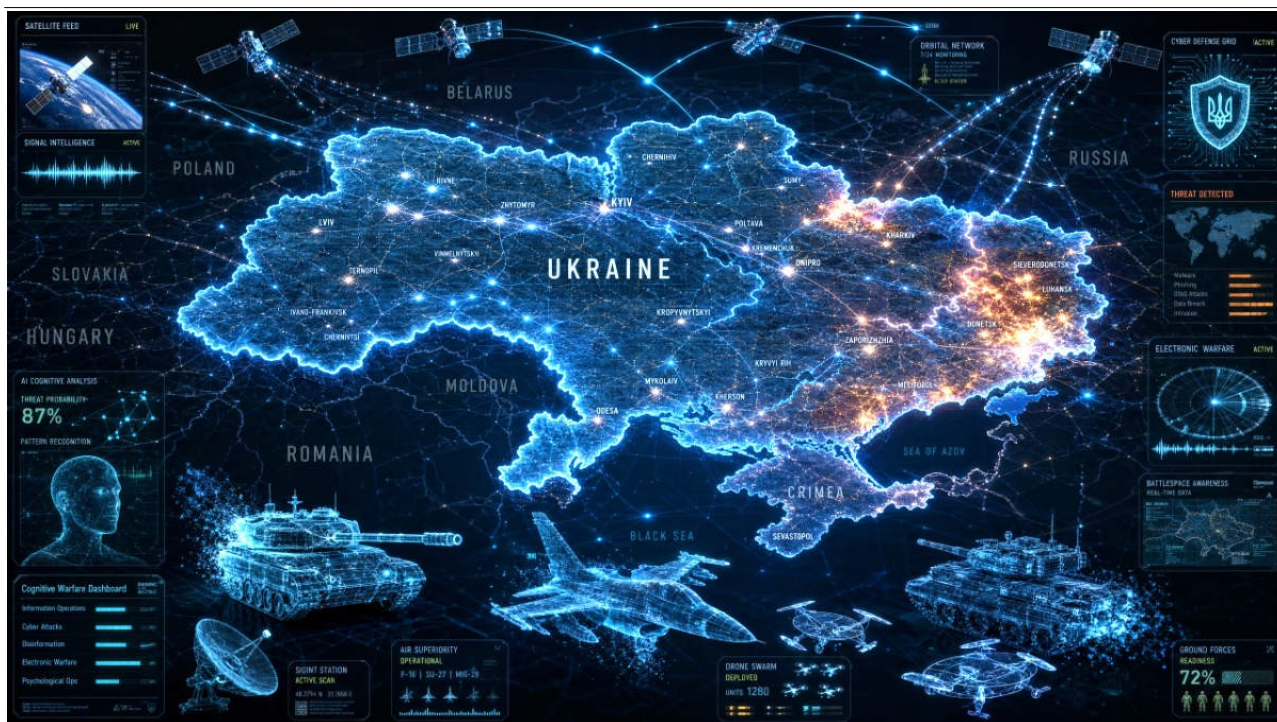


# DO DONBASS AO VALE DO SILÍCIO

*Além das trincheiras no Donbass, a Guerra Russo-Ucraniana redefiniu o poder militar do século XXI, unindo inteligência artificial, dados e inovação tecnológica, em uma nova era onde a verdadeira capacidade estratégica depende da integração entre Estado, indústria e ciência para garantir a soberania nacional.*

**Gabriel Camilli\***



*Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

Como dissemos na semana passada, Carl von Clausewitz escreveu, há quase dois séculos, que “a guerra é um ato de força para compelir nosso inimigo a fazer a nossa vontade”; no entanto, ele também alertou que, embora sua natureza permaneça constante, seu caráter muda a cada época. Essa observação é mais relevante hoje do que nunca.

Reiteramos: quem tenta entender a guerra na Ucrânia apenas acompanhando os movimentos na linha de frente corre o risco de perder de vista a transformação mais profunda do conflito. Enquanto a atenção pública permanece voltada para o Donbass, mudanças decisivas começam a ocorrer em ministérios, laboratórios, universidades, indústrias de defesa e grandes empresas de tecnologia.

Recentemente, o coronel austríaco Markus Reisner destacou um detalhe aparentemente menor, mas de imensa importância estratégica: a Rússia está se afastando gradualmente do termo “Operação Militar Especial”, passando a referir-se cada vez mais a uma guerra real contra todo

o apoio ocidental à Ucrânia. Não se trata apenas de uma mudança de terminologia. Na lógica clausewitziana, quando o objetivo político muda, o caráter da guerra também muda.

Essa mudança conceitual se reflete no terreno.

Os comunicados mais recentes do Ministério da Defesa da Rússia indicam uma pressão sustentada em praticamente toda a frente oriental. Grandes esforços permanecem concentrados nos setores de Kupiansk, no eixo Sloviansk-Kramatorsk-Druzhkivka, no centro do Donbass e na fronteira oeste, onde a região de Donetsk encontra a de Dnipropetrovsk. Em vez de anunciar grandes avanços operacionais, esses relatórios descrevem uma estratégia de desgaste implacável, caracterizada por avanços táticos limitados, pressão constante sobre as defesas ucranianas e ataques sistemáticos a depósitos de logística, infraestrutura energética, oficinas de montagem de drones e centros de abastecimento. Embora essas declarações reflitam a posição oficial de Moscou e devam ser confrontadas com fontes independentes, vários analistas ocidentais concordam que a Rússia atualmente mantém a iniciativa operacional em grande parte do teatro de operações.

## SINAIS DE ADAPTAÇÃO

Sinais de adaptação também estão surgindo do lado ucraniano. A reformulação do governo promovida pelo presidente Volodymyr Zelensky reflete a necessidade de adaptar o Estado a uma guerra cuja duração agora é medida em anos, e não em meses. Qualquer guerra prolongada acaba transformando não apenas os exércitos, mas também as instituições políticas, a economia e a indústria.

No entanto, a mudança mais profunda provavelmente está ocorrendo fora do campo de batalha.

Durante grande parte do século XX, os principais motores da inovação militar eram as grandes indústrias de defesa tradicionais. Empresas como General Dynamics, Lockheed Martin, Boeing e Northrop Grumman simbolizavam a superioridade tecnológica do Ocidente.

Hoje, esse cenário começa a mudar.

Ao lado dessas empresas, surgem novos atores do mundo digital: Palantir, Anduril, SpaceX, Microsoft, Google e Amazon Web Services. O Vale do Silício evoluiu de mero coração da revolução da computação para um componente essencial da arquitetura estratégica ocidental.

O caso da Palantir é particularmente ilustrativo. Cofundada por Peter Thiel e desenvolvida inicialmente com o apoio da In-Q-Tel – o fundo de investimento vinculado à comunidade de inteligência dos EUA –, a empresa representa uma nova geração de capacidades militares baseadas na integração de inteligência artificial, processamento massivo de dados e sistemas de apoio à decisão. Para além dos debates políticos que suscita, o fenômeno estratégico é claro: a

superioridade militar dependerá menos do número de plataformas disponíveis e cada vez mais da velocidade com que um Estado consegue transformar informações em decisões.

## MILHÕES DE PONTOS DE DADOS

A revolução não se resume ao surgimento de novos drones. A verdadeira mudança reside na integração de milhões de pontos de dados – provenientes de satélites, sensores, radares, inteligência eletrônica, observação espacial e reconhecimento aéreo – processados por meio de inteligência artificial para reduzir drasticamente o ciclo de tomada de decisão. O desafio já não é simplesmente obter informações, mas convertê-las em conhecimento acionável mais rapidamente do que o adversário.

Os Estados Unidos parecem ter compreendido essa realidade. Os debates em torno da DARPA demonstram que Washington continua a fortalecer o vínculo entre pesquisa científica, inovação tecnológica e o setor industrial-militar. A Rússia, por sua vez, privilegia um caminho diferente: a adaptação contínua resultante da experiência direta em combate. Dois modelos distintos de inovação, ambos impulsionados pela mesma guerra.

Anos atrás, John Mearsheimer alertou que a expansão da OTAN seria percebida por Moscou como uma grande ameaça estratégica. Eventos subsequentes parecem confirmar que a dimensão geopolítica permanece indissociável de qualquer explicação sobre o conflito. No entanto, a guerra evoluiu muito além daquele debate inicial. Hoje, testemunhamos uma forma abrangente de competição que envolve a interação simultânea de economia, energia, inteligência artificial, indústria, espaço, domínio cibernético e operações de informação.

## OPERAÇÕES MULTIDOMÍNIO

Consequentemente, o conceito de “operações multidomínio” está deixando de ser uma formulação doutrinária para se tornar uma realidade observável. Terra, mar, ar, espaço, ciberespaço e domínio cognitivo operam de forma integrada. A guerra já não coloca exércitos uns contra os outros; ela coloca ecossistemas nacionais de poder em confronto.

A principal lição para a Argentina vai muito além do conflito europeu. A experiência ucraniana demonstra que a defesa nacional não pode mais ser concebida apenas em termos de aquisição de novos sistemas de armas. A verdadeira capacidade estratégica depende da coordenação entre o Estado, as Forças Armadas, o sistema científico-tecnológico, a indústria e o setor privado inovador.

Nesse sentido, preservar e fortalecer as capacidades nacionais – construídas ao longo de décadas por entidades como INVAP, Comissão Nacional de Energia Atômica (CNEA), Comissão Nacional de Atividades Espaciais (CONAE), Fabricaciones Militares, FAdEa, Tandano;

universidades nacionais e inúmeras empresas de tecnologia argentinas – constitui a verdadeira política de defesa. A experiência internacional mostra que o conhecimento científico, a capacidade industrial e a autonomia tecnológica não podem ser improvisados depois que uma guerra começa.

Clausewitz sustentava que toda guerra repousa sobre uma “trindade estranha”: o governo, as forças armadas e o povo. Dois séculos depois, essa ideia permanece plenamente válida. Contudo, o século XXI alterou profundamente o ambiente em que essa trindade opera. Hoje, a força de um Estado também depende de sua capacidade de integrar ciência, tecnologia, indústria, inovação e inteligência em um esforço estratégico unificado.

Mapas continuarão sendo indispensáveis para compreender a evolução das operações. No entanto, quem limitar sua visão ao Donbass terá dificuldade em compreender a verdadeira transformação em curso.

A guerra na Ucrânia não está apenas definindo o futuro de um território; é revelador como o poder militar do século XXI será construído e quais condições serão necessárias para preservar a soberania nacional nas décadas vindouras.

*Publicado no [La Prensa](#).*

---

***\*Gabriel Camilli** é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*

---